

SEÇÃO: ARTIGOS

UTILIZAÇÃO DE SIMULAÇÃO CLÍNICA NO ENSINO SOBRE TERMINALIDADE DA VIDA NA ENFERMAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Simone Lysakowski¹

Gisele Elise Menin²

RESUMO

A morte apresenta-se na vida de todos como parte de um ciclo que é inevitável, desenrolando-se de forma distinta para cada indivíduo. O preparo do profissional da Saúde durante o período de graduação colabora para a orientação dos graduandos frente à situação de morte e luto, minimizando o sentimento de frustração diante da perda. Para isso, o docente pode contar com o auxílio de metodologias ativas, que visam a transportar o discente para situações mais próximas das que serão vividas. Objetiva-se, neste trabalho, relatar a experiência de professores ao abordar o tema morte em pediatria, com alunos do quinto período do curso de graduação em Enfermagem – Bacharelado de um centro universitário de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Foi possível identificar o despreparo e o medo dos discentes para falar na morte, expondo a necessidade de um trabalho contínuo e projetado para retomar, durante toda a formação, as situações de morte e luto.

Palavras-chave: Morte. Luto. Educação em Enfermagem. Educação Superior. Materiais de ensino.

Como citar este documento – ABNT

LYSAKOWSKI, Simone; MENIN, Gisele Elise. Utilização de simulação clínica no ensino sobre terminalidade da vida na Enfermagem: relato de experiência. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 9, e002559, 2019. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2019.2559>.

Recebido em: 20/07/2018

Aprovado em: 15/04/2019

Publicado em: 10/05/2019

¹ Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA), Porto Alegre, RS, Brasil.
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-3959-956X>. E-mail: silysa@gmail.com

² Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA), Porto Alegre, RS, Brasil.
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-2276-359X>. E-mail: gi.menin@yahoo.com.br

USO DE LA SIMULACIÓN CLÍNICA EN LA ENSEÑANZA SOBRE LA TERMINALIDAD DE LA VIDA EN ENFERMERÍA: INFORME DE LA EXPERIENCIA

RESUMEN

La muerte se presenta en la vida de todos como parte de un ciclo que es inevitable, desplegando de una manera distinta para cada individuo. La preparación del profesional de la salud durante el período de pregrado contribuye para la orientación de los estudiantes de graduación frente a la situación de muerte y luto, minimizando el sentimiento de frustración ante la pérdida. Para esto, el profesor puede contar con la ayuda de metodologías activas, que tienen como objetivo transportar al estudiante a las situaciones más cercanas a las que se van a vivir. El objetivo de este trabajo es informar la experiencia de los profesores al abordar el tema de la muerte en Pediatría, con estudiantes del quinto período del curso de Enfermería – Licenciatura en un centro universitario en Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Fue posible identificar la falta de preparación y el temor de los estudiantes para hablar en la muerte, exponiendo la necesidad de un trabajo continuo y diseñado para reanudar, durante toda la formación, las situaciones de muerte y duelo.

Palabras clave: Muerte. Luto. Educación en Enfermería. Educación Superior. Materiales de enseñanza.

USE OF CLINICAL SIMULATION IN TEACHING ABOUT TERMINALITY OF LIFE IN NURSING: EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT

The death presents itself in the lives of all as part of a cycle that is inevitable, unfolding in a different way for each individual. The preparation of the health professional during the graduation period contributes to the orientation of the undergraduates in the situation of death and mourning, minimizing the feeling of frustration in the face of loss. For this, the teacher can rely on the help of active methodologies, which aims to transport the student to situations closer to those that will be experienced. The objective of this study is to report the experience of professors in the topic of death in Pediatrics, with students from the fifth semester of the Nursing course at a university center in Porto Alegre, Rio Grande do Sul. It was possible to identify the students' lack of preparation and fear to speak about death, exposing the necessity of a continuous work and designed to approach the situations of death and mourning, during the whole formation.

Keywords: Death. Bereavement. Nursing Education. Higher Education. Teaching materials.

INTRODUÇÃO

A morte é um evento inevitável na existência de todos os seres humanos, é parte de um longo ciclo que começa ao nascer e finda com o óbito. Apesar dessa consciência, o morrer ainda não é enfrentado pela população como um processo natural, sendo repleto de sentimentos e reações distintas em cada indivíduo. Cabe assim a desmistificação e o diálogo sobre o assunto (BANDEIRA *et al.*, 2014). Mesmo com amplas discussões inerentes ao processo de morte no decorrer da história, esse assunto ainda é velado entre boa parte da população, sendo necessário provocar que esses indivíduos analisem e reflitam sem medo sobre essa situação indispensável ao final da vida, seja ela em qualquer faixa etária que venha a ocorrer.

A formação dos profissionais de Enfermagem exige cada vez mais uma educação qualificada, norteada no desenvolvimento de competências esperadas nesses futuros profissionais, como atividades assistenciais, gerenciais, de ensino e de pesquisa. Dessa forma, a organização das dinâmicas que visam a fortalecer o ensino e a aprendizagem dos alunos necessita ser muito bem planejada pelo professor, para que consiga atingir os objetivos junto aos discentes, difundindo conhecimento, prática de habilidades e tomada de decisões.

Nesse contexto, o ingresso do tema morte apresenta-se como componente indispensável para graduandos de cursos da Saúde, por se tratar de uma área que atua diretamente nessa situação, que é irreversível e faz parte do ciclo da vida. Sabe-se que o assunto já é dialogado nas instituições de ensino superior, porém ainda se observa uma grande demanda de profissionais que não conseguem manejar situações de morte, principalmente no acolhimento e amparo aos familiares. O estudo de Menin e Pettenon (2015) aponta a formação do enfermeiro voltada apenas para o cuidado e bem-estar do doente, o que contribui para a dificuldade desse profissional em aceitar a morte e conseguir lidar com situações de perda.

Trabalhar a terminalidade de uma criança no ambiente hospitalar é concebido por muitos profissionais da Saúde como um momento de tragédia, mesmo com prognóstico de tratamento inevitável para a morte. Defronte a essa dificuldade enfrentada pela equipe, é fundamental implementar ações integradas e multiprofissionais para acompanhamento desses pacientes, familiares e também dos profissionais que atuam nas áreas da Saúde, objetivando diminuir as angústias diante desse complexo momento da morte (JACOBUCCI, 2016).

Com isso, é importante que o docente possa planejar as aulas em que irá abordar essa temática, assim como faz com os demais tópicos da disciplina, levando em consideração as melhores ferramentas para trabalhar com os alunos. O professor deve se questionar sobre

como vai fazer para que os discentes se aproximem ao máximo de uma situação realística que os remeta ao cenário de enfrentamento da morte.

Dessa forma, é fundamental que os professores atuantes na área da Saúde compreendam a importância na formação de profissionais críticos e reflexivos, aptos a mudar paradigmas. Trabalhar temas amplos e que não seguem um fluxo comum para todas as situações cada vez é mais desafiador ao docente e ao discente, pois o professor atua como mediador na construção do conhecimento, e o aluno necessita buscar, refletir sobre o que está aprendendo, e assim participar da fomentação do seu próprio saber, distinguindo facilidades e dificuldades a serem trabalhadas continuamente (FREITAS *et al.*, 2016). O cenário que tinha o docente como único detentor do conhecimento modifica-se, tornando-o um tutor que guia a aprendizagem dos alunos, esclarece dúvidas e proporciona a reflexão diante do conhecimento prévio dos alunos (RADAELLI, 2016).

A cada dia a sociedade exige mais dos profissionais da Saúde, buscando aqueles com conhecimento, habilidades práticas e tomada de decisões, competências essas que são contempladas com novas metodologias de ensino (FREITAS *et al.*, 2016).

METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de um relato da experiência das autoras, professoras na disciplina de Saúde da Criança e do Adolescente, no quinto período do curso de bacharelado em Enfermagem de um centro universitário de Porto Alegre (RS), no ano de 2017. Para busca dos dados e desenvolvimento, utilizou-se o tratamento qualitativo, com abordagem na problemática da pesquisa, de forma observacional e descritiva, em diário de bordo realizado pelas autoras, após as aulas realizadas.

O relato de experiência é considerado um instrumento da pesquisa descritiva que destaca uma determinada atividade, ou mais atividades vivenciadas pelos autores, mas que componham uma mesma temática. Essa prática de estudo possibilita a reflexão do profissional também no meio científico, destacando peculiaridades referentes às práticas profissionais (CAVALCANTE; LIMA, 2012).

Respeitando a ética em pesquisa, este estudo não identifica a instituição de ensino nem os alunos que compunham as turmas participantes nas quais foram realizadas as observações.

As aulas transcorreram para duas turmas, conforme o cronograma de aulas, no turno da manhã e da noite, compondo um total de 52 alunos. Todos já tinham concluído a disciplina de Saúde da Mulher e alguns já atuavam na enfermagem como técnicos.

ACHADOS DA PESQUISA/RESULTADOS

A temática da morte em pediatria foi abordada em algumas aulas específicas, com objetivo de proporcionar a reflexão dos alunos e introduzir a discussão para uma realidade que irão defrontar muitas vezes no decorrer da vida profissional. As aulas tencionaram o diálogo sobre a finitude da vida e o paciente em morte encefálica (ME). Para trabalhar esses tópicos, o plano das aulas foi composto por aula expositiva dialogada, mídia em sala de aula, prática de habilidades, cenário de simulação e estágio supervisionado.

MORTE E TERMINALIDADE VISTA POR ALUNOS

O profissional da Saúde atua em áreas que proporcionam maior contato com a situação de morte, precisando muito laborar sobre o assunto, uma vez que, dependendo do local de trabalho, ela passa a fazer parte do cotidiano, precisando receber uma atenção especial. O sentimento de fracasso por parte dos enfermeiros surge principalmente quando o trabalho passa a limitar-se ao cuidado daqueles sem possibilidade terapêutica de cura, gerando angústia, sofrimento e medo, que contribuem para a negação da morte (BANDEIRA *et al.*, 2014).

A formação acadêmica dos profissionais de Enfermagem, assim como outros da área da Saúde, é direcionada para o cuidado e cura de doenças, gerando despreparo no aceite da morte, sendo nesse momento que o enfermeiro percebe seus limites. Quando o assunto abrange a pediatria, a situação parece mais dificultosa, pois trata-se de um indivíduo que ainda teria uma longa trajetória de vida (MENIN; PETTENON, 2015).

Ficou evidente, durante as aulas que abordaram a temática morte, que os alunos estavam lidando com um assunto já conhecido por todos, pois *a priori* todos já passaram pela experiência da perda de algum familiar ou uma pessoa próxima. Porém, a importância dos profissionais da Enfermagem no acolhimento desses indivíduos diante da morte ficou evidente pela primeira vez para muitos alunos, que até então não tinham a compreensão de como essa acolhida poderia ser fundamental no auxílio da passagem pelas fases do luto.

Diante dessa realidade, se faz necessária a reflexão do professor sobre a importância da formação dos profissionais da Saúde, mais especificamente os da Enfermagem, a respeito da finitude da vida. Essa abordagem deve ser planejada e estruturada pelo docente, como ele faz com os outros assuntos da disciplina. Esse cuidado e preparo da aula irá refletir na forma como os alunos irão receber e laborar o assunto em sala e, ainda mais, como irão moldar e reestruturar os conceitos de morte para as suas vidas e para a sua atuação profissional. Os alunos necessitam de compreender que sua atuação profissional é fundamental tanto no processo de aceitação da morte como na atuação para salvar vidas.

AULA EXPOSITIVA DIALOGADA

A aula expositiva dialogada é um método amplamente conhecido pelos docentes como ferramenta básica para auxiliar na elaboração dos conteúdos para a classe. Consiste na exposição do conteúdo pelo professor, com a participação ativa dos alunos, reflexionando o conhecimento prévio do discente e do docente, sendo o último responsável por mediar questionamentos e estimular a busca de novos saberes baseados em experiências (TOMISHIYO; BRASIL, 2015). Esse formato se diferencia do que se utilizava há tempos, na aula expositiva, em que o aluno somente escutava o professor, que era visto como único detentor do conhecimento.

Nesse formato de ensino, foram contempladas pela turma as principais fisiopatologias oncológicas, o acompanhamento dos pacientes terminais e o acolhimento de seus responsáveis. Também foi abordado o conceito de morte encefálica e principalmente a comunicação de más notícias.

Houve ampla discussão acerca da importância dos cuidados paliativos em pediatria, da importância de colocar em prática o que está disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e também das dificuldades e responsabilidades do enfermeiro no acolhimento aos familiares diante das situações de más notícias e óbito.

Até esse momento as aulas transcorreram normalmente, com a participação ativa dos alunos nos diálogos em grupo, bem como com a exposição de vivências daqueles que já atuavam na área como técnicos de Enfermagem.

MÍDIA EM AULA

Essa metodologia encontra ainda alguns preconceitos por alguns professores, que acreditam não ser útil na aprendizagem do aluno. O uso de mídias, como filmes, em aula deve ser muito bem organizado previamente: deve-se ter um objetivo didático claro com a mídia e conhecer o público – trazendo materiais que sejam atraentes para a grande maioria, e não somente ao professor. No caso de um filme, o recomendado é que o docente o tenha assistido previamente, pontuando as situações que irão instigar os alunos, a fim de que façam uma importante reflexão e discussão com o grupo.

Dessa forma, foi escolhido um filme que abordou as questões éticas e de direitos dos pacientes pediátricos, ressaltando a escolha da criança, do que ela quer que seja feito com seu próprio corpo. Essa obra trouxe o caso de uma paciente pediátrica oncológica e abordou a terminalidade, os cuidados paliativos e o luto da família.

Antes do término do filme, uma das alunas foi amparada pelas colegas por estar emocionalmente abalada com as situações assistidas, sendo liberada do restante da atividade, recolhendo-se ao domicílio.

Após a exibição do filme, as turmas dispuseram-se em círculo para discutir os principais tópicos observados, debatendo como a obra apresentou a situação e como seria o melhor a ser feito pelos alunos no momento de suas práticas profissionais. Alguns alunos relataram a complexidade de acompanhar os familiares que recebiam a notícia da terminalidade ou óbito de seus familiares, principalmente quando pacientes pediátricos. Trouxeram o excesso da medicalização como entrave na aceitação da morte pelos familiares, quando as equipes limitavam condutas terapêuticas, sabendo que essas não teriam significado algum para o paciente terminal.

Foi um momento muito importante de troca de experiências entre os alunos que já tinham alguma experiência profissional com aqueles que tinham experiências pessoais, e destacou-se a importância do preparo do enfermeiro para acolher as famílias e pacientes.

A Organização Mundial de Saúde define “Cuidado paliativo é uma abordagem que promove qualidade de vida a pacientes e seus familiares que enfrentam doenças que ameaçam a continuidade da vida, através da prevenção e alívio do sofrimento, através da identificação precoce e impecável avaliação e tratamento da dor e outros problemas, físicos, psicossociais e espirituais” (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2007). Ressalta-se que esse conceito é essencial para esclarecer a concepção errônea de que os cuidados paliativos são dirigidos somente aos pacientes terminais. Eles são, na verdade, dirigidos a todos os pacientes em doenças graves e incuráveis, bem como doenças crônicas, doenças neurodegenerativas, câncer, entre outras. É fundamental, portanto, a utilização de tratamentos a fim de minimizar as dores, os sintomas e até gerar estabilidade de alguns sintomas de ordem física, psíquica e emocional (RIBEIRO; OTANI; FUKUDA, 2019).

A multidisciplinaridade no planejamento e na realização desses cuidados torna-os muito ricos e completos, pois contempla a atenção além do diagnóstico médico e das necessidades de ordem física da doença, englobando aspectos sociais, psicológicos e espirituais do paciente e da sua família (RIBEIRO; OTANI; FUKUDA, 2019).

PRÁTICA DE HABILIDADES

A seguir ao plano de aulas, após a exposição do conteúdo e da mídia em sala, os alunos foram conduzidos à prática, com treino de habilidades. Esse momento foi guiado por um roteiro que descrevia a sequência da aula e como estavam distribuídas as estações de habilidade prática. O uso desse roteiro permitiu ao professor desenvolver as habilidades nos

alunos frente a determinado assunto previamente estudado, bem como observar as necessidades individuais de cada aluno.

Para o discente, a prática de habilidades é um momento de se aproximar da realidade, de aplicar aquilo que foi discutido e estudado na teoria previamente. Oportuniza ao aluno o esclarecimento de dúvidas que emergem somente no momento prático, além de prepará-lo para atuação profissional e permitir-lhe estabelecer confiança naquilo que faz (ANDRADE; DINIZ; CAMPOS, 2011; ESCOLA WEB, 2017).

Para incorporar a temática da morte na prática de habilidades, os alunos foram distribuídos previamente em duplas e orientados sobre o tempo que teriam na estação prática. As duplas entravam no laboratório, no qual havia macas que se assemelhavam aos leitos hospitalares, e recebiam o prontuário do paciente para que pudessem realizar a leitura prévia e se familiarizar com a situação.

O caso tratou de um paciente pediátrico que teve diagnóstico de morte encefálica confirmado. O prontuário continha evolução médica e de enfermagem, protocolo de diagnóstico de ME e laudo de exame de imagem. O médico já havia conversado e noticiado a ME à mãe, a qual solicitou a presença dos enfermeiros (alunos) no leito para o esclarecimento de algumas dúvidas. Os alunos teriam que conversar com a mãe do paciente.

Quando as duplas relataram ter se apropriado do caso e estar prontas, dirigiram-se ao box. A atriz que encenou o papel de mãe dizia que levaria o seu filho (paciente com ME) para casa, cuidaria melhor dele no domicílio, contrataria uma empresa de *home care* e que em casa ele logo iria melhorar.

Todos os alunos demonstraram nervosismo para falar com a familiar, e nenhum deles conseguiu dizer a palavra morte. Fisicamente emitiram sudorese excessiva, gaguejaram, tiveram medo de se aproximar da familiar, pediram para se retirar do local e até reiniciar o cenário. Poucos alunos praticaram a empatia e conseguiram acolher a familiar.

Ao término da atividade, todos os alunos se reuniram na sala em círculo para discutir como foi a atividade para cada dupla. Foi unânime o relato de embaraço para falar em morte. Os alunos relataram que fora a atividade prática mais complexa realizada até o momento na graduação e que não achavam que seria tão difícil esse momento.

CENÁRIO DE SIMULAÇÃO

Antes do estágio *in loco* no ambiente hospitalar, para a finalização das atividades dentro das dependências da instituição de ensino superior, foi realizada a prática em cenário de simulação realística, contemplando uma evolução das atividades propostas. Os alunos foram conduzidos até o cenário de simulação, que é composto por uma sala espelhada que simula

o ambiente hospitalar e uma sala ao lado, onde ficaram os demais alunos que observaram e analisaram a execução da atividade por dois discentes e um ator. Esses vivenciaram a tomada de decisões diante da necessidade de prestar o atendimento/assistência em um caso que simulou uma situação de morte em ambiente controlado.

A simulação é uma metodologia ativa utilizada por educadores a fim de permitir aos alunos que experimentem a dramatização de uma situação que se aproxima ao máximo do real, sendo estimulada a tomada de decisão diante de determinada situação (COSTA *et al.*, 2015). Assim, a simulação oferece ao aluno uma importante forma de aprendizagem, por permitir relacionar a teoria à prática, em um ambiente aproximado ao da realidade. Ainda, possibilita ao discente aplicar o conhecimento e adquirir habilidades e atitudes frente a diferentes situações de atuações reais da vivência profissional (BARRETO *et al.*, 2014). O cenário de simulação realística é um dos ambientes de ensino que mais se aproxima da realidade profissional, quando é estimulada, além da prática de habilidades, a tomada de decisões diante de determinada situação.

É importante que o professor esteja preparado para as situações que podem surgir com a realização da atividade prática, sendo fundamental o planejamento do docente diante das atividades de simulação, atendendo aos objetivos de aprendizados a serem obtidos pelos alunos ao final de cada simulação (VARGA *et al.*, 2009).

O professor deve organizar o *briefing* previamente, que é composto por um roteiro de práticas, descrevendo a situação para os alunos que irão assistir à dramatização e o passo a passo para as atrizes que irão encenar. Isso deve acontecer separadamente: o cenário dos estudantes, em sala de observação (espelhada e/ou com vídeo em tempo real), e o campo dos atores, em local que permita explicar o cenário e o que o professor busca, com o objetivo de gerar aprendizagem e instigação nos alunos participantes.

Ao final da encenação, todos devem se reunir em um local para o *debriefing*, que consiste no retorno aos alunos de tudo o que aconteceu. Esse momento é essencial e demonstra a organização do professor para buscar os objetivos da atividade.

Os alunos se reuniram na sala de simulação realística disponível na instituição de ensino, e dois estudantes se disponibilizaram a participar do cenário. A docente fez a leitura do cenário aos alunos que estavam em sala espelhada e, após isso, descreveu a ação dos artistas sobre as particularidades e as ações esperadas com a encenação. A atividade ocorreu tranquilamente, com duração em torno de dez minutos. O roteiro trazia uma situação de acolhimento a um familiar que havia recebido a notícia do óbito de um dos filhos.

Em seguida, alunos e atores retornaram à sala espelhada para o *debriefing*, que percorreu as seguintes etapas:

a) Descrição e reação: Foi perguntado aos alunos que participaram do cenário: O que aconteceu nessa cena? Na situação real você agiria da mesma forma que agiu agora? Algum sentimento, em especial, foi vivenciado? De que maneira esses sentimentos influenciaram na tomada de decisões? E aos estudantes que observaram: Como descreveriam a abordagem dos colegas?

b) Análise e compreensão: Foi perguntado a todos: A situação vivenciada aqui tem relação com o mundo real? Quais foram os pontos fortes do atendimento? O que vocês fariam diferente? Que outros conhecimentos poderiam ajudar nesse atendimento? Que outros profissionais poderiam contribuir para a condução desse caso? O que foi positivo na abordagem? Como foi o trabalho em equipe?

c) Síntese e avaliação: Foi perguntado a todos: O que vocês aprenderam hoje com a situação vivida? O que vocês levam para a prática profissional? Em que essa experiência de hoje ajudará vocês na prática profissional?

Mesmo com as atividades anteriores, que abordavam o mesmo assunto, novamente foi observada a dificuldade de lidar com o familiar em luto. Os alunos mantiveram-se nervosos, sem fala aos questionamentos do ator, sem observar situações relevantes nesse momento, como retirar objetos que impedem o contato e visão entre profissional e família, ofertar conforto (um local apropriado) e escutar o que a família precisa dizer. Novamente os alunos participantes do cenário trouxeram essa ação como sendo de grande estresse e relataram que não gostariam de atuar em áreas com essa demanda.

Esse relato trouxe uma importante reflexão às docentes quanto à disciplina anterior concluída pelos estudantes, que abordava saúde da mulher. Os alunos teriam acompanhado a gestação e o nascimento de bebês, sendo esse considerado o ambiente ideal de trabalho para quase todos, que atuariam em situações de bem-estar, sucesso e felicidade, vistas por eles como resultado de quando uma criança nasce.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO

A realização de um curto estágio em algumas disciplinas do curso de graduação em Enfermagem dessa instituição de ensino oportuniza uma breve prática aos alunos, que, depois de terem vivenciado a teoria e prática em sala de aula, agora conseguem aplicar o conhecimento de forma real. A última etapa que evidenciou os percalços dos alunos em lidar com a situação da morte ocorreu durante a realização do estágio supervisionado. Mesmo com a presença de professores em campo de estágio, a docente regente da disciplina acompanhou os alunos no ambiente hospitalar.

Logo nos primeiros dias, quatro alunos comunicaram que não gostariam de acompanhar pacientes pediátricos com diagnóstico de câncer, pedindo para não terem contato com essas crianças. Nesse momento a docente sugeriu aos discentes o acompanhamento psicológico disponível na instituição de ensino, oportunizando a reflexão dos alunos quanto à importância de aprender a lidar com a morte e as situações próximas para a atuação profissional.

A fim de oportunizar uma vivência não contemplada naquele momento, a docente acompanhou os alunos em uma visita à Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) pediátrica, para que observassem os cuidados e acompanhassem as rotinas da enfermagem. Uma das alunas, após os primeiros minutos na UTI, solicitou dispensa e saiu do local aos prantos, relatando não conseguir ver pessoas “naquela situação”. Enquanto isso, outros dois alunos pediram para não realizar a visita.

Ao final dos dias de estágio curricular, a docente regente da disciplina encerrou a atividade em sala de aula, trazendo novamente reflexão e discussão sobre a necessidade de os profissionais estarem preparados para deparar-se com a morte sem os sentimentos de culpa e incapacidade. Foi discutido que os profissionais de Saúde também precisam de cuidados, devendo procurar acompanhamento psicológico sempre que precisarem ou até como rotina do local de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática morte é um tabu dentro da nossa sociedade. Apesar de ela perpassar diferentes fases da vida, ainda há pouco diálogo sobre o assunto e muito sofrimento com a sua chegada inevitável. É necessário que o tema esteja inserido nas matrizes curriculares durante toda a formação acadêmica dos profissionais de Enfermagem, propondo discussões sobre o processo de morte no decorrer das diversas disciplinas. Atualmente os acadêmicos desse curso concluem sua graduação amplamente aptos tecnicamente para realizar procedimentos, porém demonstram grande carência na habilidade em comunicar e trabalhar com a finitude da vida.

Uma importante ferramenta para auxiliar os docentes no ensino das habilidades de comunicação e dos cuidados com os pacientes e as suas famílias durante o processo de morte pode se dar através do uso de metodologias ativas, que viabilizam a criação de cenários, o treino de habilidades e o uso de mídias aliadas a discussões em grupo, para que, assim, os discentes possam conhecer e ampliar as suas perspectivas como futuros profissionais. É necessário que os alunos de Enfermagem reflitam e percebam a importância de habilitar-se para uma boa comunicação, o que é essencial e faz parte da assistência de enfermagem.

Ficou evidente a dificuldade dos graduandos em falar sobre a morte, de realizar a comunicação de más notícias e até mesmo de realizar cuidados aos pacientes durante o processo de morte. Salientamos, portanto, a importância e a necessidade de repensar os currículos acadêmicos para atingir uma formação que capacite o aluno para além do conhecimento de habilidades teóricas, incluindo essas atividades desafiadoras para ele. Isso auxiliará no desenvolvimento da empatia e quebrará as barreiras que causam angústias aos profissionais da Saúde no falar e acolher a família.

O estudo discutiu a dificuldade dos enfermeiros em falar e/ou trabalhar com pacientes em terminalidade da vida e tratar de cuidados paliativos e morte encefálica, porém isso ocorre com os alunos de todas as graduações da área da Saúde, cuja grande maioria dos currículos acadêmicos contempla somente alguns momentos específicos, pequenos e individuais de cada curso de graduação. Assim, cada aluno finaliza sua graduação com uma breve noção sobre o assunto, estando muitas vezes apenas familiarizado e capacitado para lidar com os desfechos positivos diante da doença. Dessa forma, quando esse aluno chegar no ambiente hospitalar para atuar com pacientes nas situações de finitude e seus familiares, ele tende a não conseguir acolher esses indivíduos em sofrimento de uma forma adequada, causando a si próprio a desesperança do seu trabalho e da sua profissão.

É evidente a necessidade de que as universidades consigam abordar e proporcionar reflexões, discussões e atuações em ambiente controlado sobre a temática, de forma integradora entre os cursos da área da Saúde. Ao possibilitar que ocorra essa integração dos currículos frente a essa temática, existe uma grande chance de que esses futuros profissionais, ao se depararem com situações reais na sua atuação profissional, consigam minimamente proporcionar uma melhor assistência de forma integral e multidisciplinar, garantindo qualidade na comunicação, conforto, segurança e humanização.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Danieli; COGO, Silvana Bastos; HILDEBRANDT, Leila Mariza Hildebrandt; BADKE, Marcio Rossato. A morte e o morrer no processo de formação de enfermeiros sob a ótica de docentes de Enfermagem. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 400-407, abr./jun. 2014.
- BARRETO, Daniele Gomes; SILVA, Kamilla Grasielle Nunes da; MOREIRA, Sthefânia Shabryny Cavalcante Regis; SILVA, Tatiane Sousa da; MAGRO, Marcia Cristina da Silva. Simulação realística como estratégia de ensino para o curso de graduação em Enfermagem: revisão integrativa. *Revista Baiana de Enfermagem*, Salvador, v. 28, n. 2, p. 208-214, maio/ago. 2014.
- CAVALCANTE, Bruna Luana de Lima; LIMA, Uirassú Tupinambá Silva de. Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. *Journal of Nursing Health*, Pelotas, v. 1, n. 2, p. 94-103, jan./jun. 2012.
- COSTA, Raphael Raniere de Oliveira; MEDEIROS, Soraya Maria de; MARTINS, José Carlos Amado; MENEZES, Rejane Maria Paiva de; ARAÚJO, Marília Souto de. The use of simulation in the context of health and nursing education: an academic reflection. *Revista espaço para a saúde*, Londrina, v. 16, n. 1, p. 59-65, jan./mar. 2015.
- ESCOLA WEB. *Aula prática*: desenvolvendo as habilidades dos alunos. 17 jul. 2017. Disponível em: <https://www.escolaweb.com.br/blog/aula-pratica-desenvolvendo-as-habilidades-dos-alunos/>. Acesso em: 1 jun. 2018.
- FREITAS, Maria Aparecida de Oliveira; CUNHA, Isabel Cristina Kowal Olm; BATISTA, Sylvia Helena Souza da Silva; ROSSIT, Rosana Aparecida Salvador. Teaching in health: perceptions of graduates of a Nursing specialization course. *Interface*, Botucatu, v. 20, n. 57, p. 427-436, abr./jun. 2016.
- JACOBUCCI, Nazaré. Cuidados paliativos em pediatria: a criança diante da morte de si mesma. Disponível em: <https://perdasseluto.com/2016/01/20/cuidados-paliativos-em-pediatria-a-crianca-diante-da-morte-de-si-mesma/>. Acesso em: 12 jun. 2018.
- MENIN, Gisele Elise; PETTENON, Marinez Koller. Terminalidade da vida infantil: percepções e sentimentos de enfermeiros. *Rev. Bioét.* [online], Brasília, v. 23, n. 3, p. 608-614, dez. 2015. ISSN 1983-8042.
- RADAELLI, Tania Maria. Competências e habilidades na prática pedagógica: necessidades e possibilidades. *Revista Conversatio*, Xaxim, v. 1, n. 1, jan./jun. 2016.
- RIBEIRO, Sabrina Corrêa da Costa; OTANI, Rafael Tomio Vicentini; FUKUDA, Márcio Veronesi. Cuidado Paliativo na Emergência. In: VELASCO, Irineu; NETO, Rodrigo; SOUZA, Heraldo;

MARINO, Lucas; MARCHINI, Julio; ALENCAR, Júlio César. *Medicina de Emergência: Abordagem Prática*. 13. ed. Barueri: Manoele, 2019.

TOMISHIYO, Guilherme; BRASIL, Joaquim. *Aula expositiva dialogada*. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/390835/mod_folder/content/0/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20151130.pdf?forcedownload=1. Acesso em: 12 jun. 2018.

VARGA, Cássia Regina Rodrigues; ALMEIDA, Volia de Carvalho; GERMANO, Carla Maria Ramos; MELO, Débora Gusmão; CHACHÁ, Silvana Gama Florêncio; SOUTO, Bernardino Geraldo Alves; FONTANELLA, Bruno José Barcellos; LIMA, Valéria Vernaschi. Relato de experiência: o uso de simulações no processo de ensino-aprendizagem em Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 33, n. 2, p. 291-297, abr./jun. 2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Palliative Care. *Cancer control: knowledge into action: WHO guide for effective programs*. Module 5. Genève, 2007.

Simone Lysakowski

Enfermeira da Organização de Procura de Órgãos (OPO) da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre/RS; professora do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Anhanguera. Mestre em Ensino na Saúde pela UFCSPA; doutoranda do PPG-Pediatria na UFCSPA.

silysa@gmail.com

Gisele Elise Menin

Enfermeira; especialista em Pediatria e cuidados intensivos neonatais – Faculdades Pequeno Príncipe/PR; mestre em Ensino da Saúde – UFCSPA/RS.

gi.menin@yahoo.com.br